



Jackson Pollock pinta com o pincel de Norman Rockwell?

Does Jackson Pollock paints with the brush of Norman Rockwell?

Luiz Maria Veiga ¹

Resenha de:

SILVEIRA, Francisco Maciel. **Pinceladas sobre a pintura alheia**. Disponível em <<http://www.pinceladas-fms.com/>>

Explorando novos suportes para sua escrita criativa e crítica o professor Francisco Maciel Silveira nos oferece, num sítio na internet, suas *Pinceladas sobre a pintura alheia*.

São (por enquanto, já que, mais que uma obra aberta, é um trabalho em processo) três grupos de “Iluminuras” (“Primeiras”, “Segundas” e “Terceiras”), além de um *link* para um texto de “Entrada” e um *link* chamado “O autor”, com informações sobre o próprio e acesso a uma livraria virtual com suas obras. Cada uma dessas “Iluminuras” agrupa pequenos textos a que poderíamos talvez chamar vinhetas, cada um deles (afora um caso) ilustrado com reprodução do quadro (ou quadros) que comenta.

A exceção, que está nas “Primeiras Iluminuras” chama-se “Auto-retrato de um texto, I”. Além de dialogar com Bukowski, Kerouac, Olavo Bilac, José Saramago e Baudelaire (se não esquecemos ninguém), interroga-se sobre o sentido das vinhetas. Fala do improvável interesse de um editor em publicar livro que viria a ser economicamente inviável (por caríssimo) em razão das reproduções pictóricas que deveria obrigatoriamente abrigar. E conclui dizendo: “estou a escrever isto para o pileque de quem queira embebedar-se de pintura”. Antes, no texto de “Entrada”, após declarar-se não um especialista em pintura, mas apenas seu apreciador e amante, o autor assim define seu trabalho (na ocasião ainda imaginado como um livro): **“Pinceladas sobre a pintura alheia é meu modo de enxergar (...) a alma dos pintores. (...) Estas**

¹ Mestre e doutorando em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo

Pinceladas anárquicas obedecem a ordem nenhuma. Nem cronológica, nem estilística. Vão ao sabor de minha *re-visão* de livros, catálogos, museus, exposições: recreio de *happy-hour* (...).”

Ora, isto deve soar como um convite não a um passeio acadêmico, erudito, mas a um passeio informal, descontraído, ao leitor e *voyeur* do sítio (ou *site*, como parecem preferir nestas lusófonas terras). Quem passear pelas vinhetas terá a oportunidade de conhecer (ou reconhecer, visitar, rever, reler) alguns quadros muito famosos, outro menos, mas todos capazes de nos proporcionar emoção estética, de tocar, de algum modo, nossa sensibilidade. E os textos do professor Silveira seriam como os comentários de um companheiro que estivesse ao nosso lado percorrendo esta galeria imaginária (ou deveríamos dizer virtual?). Ao nos oferecer sua visão pessoal daquelas obras ele, em alguma medida, também orienta nosso olhar para coisas a que, possivelmente, não atentaríamos sozinhos. E isso abre a possibilidade de também nós, companheiros neste passeio, agora com a visão enriquecida pelos caminhos apontados, atrevermo-nos a lançar olhares pessoais sobre as obras, tentarmos também achar nelas nossos caminhos interpretativos.

As “Primeiras Iluminuras” reúnem dezoito vinhetas. As “Segundas”, quatorze. As “Terceiras”, por enquanto, reúnem apenas três. Uma dessas três, intitulada “Gibiografia”, inclui um depoimento pessoal do autor, dado de viva voz, a respeito de sua descoberta da leitura e do mundo dos livros, de como se desenvolveu o interesse e como se deu sua imersão em tal mundo. Trata-se de uma entrevista concedida a Oscar D’Ambrosio no programa **Perfil Literário**, da rádio UNESP-FM. Houve um tempo em que os ditos gibis foram considerados perniciosos à formação da infância e da juventude, visto que afastariam infantes e jovens dos livros e coisa e tal. O professor Silveira demonstra, com sua própria história, que nada impede os leitores de gibis de virem a se tornar grandes leitores de Camões, Fernando Pessoa, Gil Vicente, dos padres Antonio Vieira e Manuel Bernardes, do dramaturgo Antonio José da Silva, entre muitos mais. E fica mais uma vez provado que o gosto pela leitura só se adquire lendo, a princípio, seja lá o que for.

Embora o autor destaque o caráter anárquico de suas *Pinceladas*, presas a nenhuma sequência, já é possível articular algumas delas e com isso criar alguma ordem (interna) e perceber alguns desdobramentos encadeados. É o caso do já citado texto de “Entrada”, espécie de proposta inicial quando o projeto ainda não pensava estabelecer-se num sítio da internet, o também já mencionado “Auto-retrato de um texto, I”, em que se desenvolve a proposta de trabalho e se declara a impossibilidade de sua realização, e o texto que conta como a proposta foi salva dessa impossibilidade (a de virar livro) ao ser resgatada pelo professor Flavio Botton e reconduzida para o suporte de veiculação em que ela se tornou disponível aos leitores. Isso está nas “Segundas Iluminuras”, na vinheta intitulada “O gondoleiro Flavio Botton”.

Outra articulação pode ser estabelecida entre as vinhetas (das “Segundas Iluminuras”) “Mi(n)tologias”, “Parangones” e “Assim como a pintura”. Na primeira o autor mostra seus dons de poeta ao comentar, em versos e estrofes, quadros que têm por motivo figuras mitológicas, estabelecendo um diálogo entre obras pictóricas e respostas literárias. Na segunda, o autor discute afirmação de Leonardo da Vinci em que (muito possivelmente puxando a brasa para sua sardinha) este declara ser a pintura (visual por excelência) superior a todas as outras artes, deixando muito para trás a literatura. Na terceira vinheta, diante de um retrato de Flaubert, o autor argumenta, quase psicografando o grande romancista francês, que a literatura pinta com os substantivos, adjetivos e verbos, do mesmo modo que os pintores usam as pinceladas, a cor e a insinuação de movimento para recriar a realidade e o mundo. Ora, isto está mais que demonstrado, por exemplo, na passagem de *A corja*, de Camilo Castelo Branco, a seguir citada. “Dois gatos malteses faziam arremetidas, arquejavam a medir o pulo, disfarçavam os planos, rompiam em direção tortuosa com estratégias velhacas, e convergiam de súbito, rebolando-se, mordendo-se no pescoço e dando gritos hostis.”² Nem Leonardo da Vinci poderia dizer que isso não é imagem, e não só imagem, mas, mais que na pintura, é imagem em movimento. Não tem cor? Falso. Esses gatos terão todas

² Camilo Castelo Branco. **Obra seleta**, v. II. Rio de Janeiro, José Aguilar, 1960, p. 700.

as cores que têm os gatos, basta para isso o leitor servir-se do seu imaginário e tornar-se co-autor e co-pintor ao colaborar com o escritor.

Nas “Terceiras Iluminuras” há uma vinheta (“Em busca do sentido perdido?”) que discute o abstracionismo radical de Jackson Pollock, que não parece ser muito do gosto do autor, em relação à arte ultra-realista de Norman Rockwell. O conhecidíssimo autor de tantas capas do **The Saturday Evening Post** figura as costas de um senhor diante de uma tela abstrata (um Pollock?), interpictorialmente (se é que podemos nos expressar assim) reproduzida por Rockwell. E o professor Silveira lança a questão: o ultra-realista demonstra ser capaz de pintar como o abstracionista; seria o abstracionista capaz de pintar como o ultra-realista? E se apontarmos para esse caminho do diálogo interpictorial, repararemos que as *Pinceladas* estabelecem relações entre Goya e sua tela **Três de maio de 1808 em Madri** e Picasso e sua conhecidíssima **Guernica** (na vinheta “Picasso”, das “Primeiras Iluminuras”), bem como entre a figura assustadora do papa Inocêncio X retratado por Velázquez e o desvendamento da alma dessa mesma figura flagrado por Francis Bacon (na vinheta “Lições de fisiognomia, II”).

No texto sobre Frida Kahlo surge um personagem muito ligado à pintora: seu marido (pelo menos por algum tempo) Diego Rivera. E como as pinceladas são sobre ela, dele só ficamos sabendo que era corno, tinha “pança de sargento Garcia”, divorciado, ela o vestia como uma “segunda pele”, retratou-o em seu colo, como um bebê gigante, “carente e infantil” e que ele, nesse retrato, com um olho a mais na testa, teria quatro olhos, já que o resto da humanidade possui apenas três. Mas em nenhum momento ficamos sabendo porque esta mulher genial se interessou por semelhante traste, não ficamos sabendo que ele também foi um grande artista pictórico, um dos três grandes muralistas mexicanos que, ao lado de Orozco e de Siqueiros, revitalizaram e expandiram as dimensões monumentais, no século XX, a arte do afresco. Talvez venhamos a ter, adiante, uma vinheta exclusiva para ele.

Diante de uma obra em processo, ainda não acabada, deve ser permitido ao resenhista o que não lhe é possível fazer diante do produto acabado: sugestões e pedidos. Por exemplo, gostaríamos de ver as *Pinceladas*

do professor Silveira sobre a obra do português Malhoa, com seu retrato do fado, dos bêbados com suas malgas de vinho em volta de uma mesa, das mulheres fitando fixamente, esperançosas ou sem esperança, o mar. Queremos ver ainda muito mais artistas e obras, acompanhados de argutos e aguçados comentários, enriquecendo estas já ricas e instigantes *Pinceladas*.